

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

**A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação
historiográfica**

**The Secret History of Procopius of Caesarea: The historiographical debate and
renewal**

**L'Histoire Secrète de Procope de Césarée: le débat et la rénovation
historiographique**

**La Historia Secreta de Procopio de Cesarea: el debate y la renovación
historiográfica.**

Rute Russo
Universidade do Porto
up201404759@letras.up.pt

Resumo: O objectivo deste trabalho é o de analisar o debate e a renovação historiográfica sobre a *História Secreta* de Procópio de Cesareia, no sentido de entender os avanços e as novas perspectivas, surgidas recentemente, acerca desta obra. Procura-se, além do mais, efetuar uma aproximação ao próprio percurso de Procópio de Cesareia, que decidiu escrever uma obra em contradição com o que ele próprio escrevera anteriormente, sugerindo-se justificações decorrentes do seu percurso e dos confrontos com o ambiente da época.

Palavras-chave: História Secreta; Procópio de Cesareia; Antiguidade Tardia

Abstract: This article aims to analyze the debate and the historiographical renewal on the *Secret History* of Procópio de Caesarea, in order to understand the research advances and the new perspectives about this work. Moreover, it seeks to make an approach to the path of Procópio de Caesarea that decided to write a work in contradiction with his own previous writings, which could be explained by his own past as well as with contemporary context.

Keywords: Secret History; Procopius of Caesarea; late antiquity

Résumé: Le but de cet article est d'analyser le débat et le renouvellement historiographique de l'Histoire Secrète de Procopio de Césarée, afin de comprendre les progrès et les nouvelles perspectives qui ont émergé récemment au sujet de ce travail. En outre, il cherche à se rapprocher du parcours du Procópio de Caesarea, qui décida d'écrire une œuvre en contradiction avec ce qu'il avait écrit précédemment, suggérant des justifications découlant de son parcours et de l'ambiance de son temps.

Mots-clés: Histoire Secrète; Procope de Césarée; antiquité tardive.

Resumen: El objetivo de este trabajo es el de analizar el debate y la renovación historiográfica sobre la *Historia Secreta* de Procopio de Cesarea, en el sentido de entender los avances y las nuevas perspectivas, surgidas recientemente, acerca de esta obra. Se busca, además, hacer una aproximación a la propia ruta de Procopio, que decidió escribir una obra en contradicción con lo que él mismo había escrito con anterioridad, lo que sugiere justificaciones que surgen de su curso y de los enfrentamientos con su tiempo.

Palabras claves: Historia Secreta; Procopio de Cesárea; Antigüedad Tardia

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Introdução

O objetivo deste estudo é o de fazer o ponto da situação historiográfica em que se encontra o debate sobre a célebre *História Secreta* de Procópio de Cesareia¹. Procurarei mostrar que nos últimos anos a obra conheceu importantes renovações no seu estudo, a nível histórico, literário e ideológico². A profusão de trabalhos muito recentes sobre a obra e autor, aliada a um recrudescer do interesse pela literatura historiográfica da Antiguidade Tardia, justificam uma aproximação a esta questão. Procurarei mostrar que a *História Secreta* continua a dividir a historiografia, nomeadamente na interpretação ideológica da obra; que se fizeram avanços recentes no sentido de um consenso sobre questões como a datação e autoria das três obras de PC e sobre a interpretação de alguns dos temas polémicos da HS.

Para a designação do autor adotei a forma portuguesa, Procópio de Cesareia, assim como para os nomes do imperador Justiniano e da imperatriz Teodora, do general Belisário e da sua esposa Antonina, por terem já uma longa tradição historiográfica em Portugal. Para outras personagens adotei a forma latina ou grega original, ou pela qual se tornaram mais conhecidos. Por exemplo, para Ioannes Lydus, historiador bizantino contemporâneo de Procópio, cuja designação aparece com muitas variações, optei pela forma latina, que é a mais conhecida. Adotei o mesmo critério para a *História Secreta*, que tem várias designações, como *Anedokta*, *Apokrýphe Historía* e *Historia Arcana*, sendo esta última adotada na tradução portuguesa do título em latim (Adshead, 1993). A menos que se refira expressamente a.C., as datas são sempre d.C.

¹ A edição usada para a HS será a de 1966 da Penguin Books, com tradução de G. A. Williamson. (Procopius 1966) Por uma questão de clareza adotei a forma inglesa “Procopius” para a citação das obras de PC na bibliografia. Também para Tucídides adotei a forma inglesa “Thucydides” no texto e na citação, por uma questão de coerência textual. Fiz o mesmo para Aristófanes, adotando a forma inglesa “Aristophanes” e para Sófocles, com a forma inglesa “Sophocles”. Para o DB usarei a edição de 1971 (Procopius, 1971) da Harvard University Press, com tradução de H. B. Dewing. Para o DA usarei a edição de 2014 da Universidade de Múrcia, com tradução de Miguel Lorente. (Procopius, 2014). Nas citações textuais optei por manter o inglês das edições de 1966 e de 1971 e, no caso do DA, mantive o castelhano.

² Lista de abreviaturas: Procópio de Cesareia (PC); Ionannes Lydus (IL); Ioannes Malalas (IM); História Secreta (HS); De Bellis (DB), neste caso, apesar do original ser em grego, foi pelo título em latim que ficou conhecido, logo optou-se pela forma latina; De Aedificiis (DA), o original é em grego, mas este é o título porque é mais reconhecido.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Breve apresentação do autor e da obra

PC nasceu por volta de 500, em Cesareia da Palestina, no Império Romano do Oriente (Williamson, 1966: 19-25). Morreu por volta de 565. Teve uma educação clássica e formação na área jurídica, pelo que se presume que pertenceria à aristocracia (Greatrex, 2014). Tal é sugerido pelas menções que a ele se faz no *Souda*, quando é designado de *rhetor*, *sophistes*, *consiliarius* e *adsessor* (Börm, 2015a). Foi secretário e conselheiro legal de Belisário, a partir de 527, acompanhando-o nas suas principais campanhas militares, sendo, por isso, contemporâneo aos factos que descreve na HS e fonte privilegiada dos mesmos (Williamson, 1966: 24-25). Escreveu três obras: o DB (Procopius, 1971) em 550; a HS entre 550-551; o DA (Procopius, 2014) em 561. Em 562 foi prefeito de Bizâncio (Williamson, 1966). A primeira obra descreve as campanhas militares de Justiniano, para reconquistar o Norte de África, a Itália e a Península Ibérica, e também as guerras contra os persas. Apesar de ser uma obra concebida para elogiar a reconquista bizantina, vários autores detetam já aí uma crítica subtil a Justiniano (Greatrex, 2014). O estilo causal, descritivo e analítico que PC evidenciará na HS, já emerge no DB. Contudo, a diferença é na abordagem à gestão de Justiniano, onde haverá uma crítica oculta e onde o autor se abstém, como referirá na HS, de dizer tudo o que sente (Procopius, 1971). A HS, escrita pouco tempo depois do DB, mostra uma versão distinta e muito negativa do casal imperial Justiniano e Teodora e do general Belisário e sua esposa Antonina, a tal ponto que o autor não se atreveu a publicá-la em vida. O DA é uma *ekphrasis* e um panegírico à política artística e arquitetónica de Justiniano. PC terá equacionado escrever uma história da Igreja, mas nunca o concretizou. É dos poucos historiadores deste período cuja obra chegou por inteiro até nós (Börm, 2015a). As diferentes versões históricas que PC apresenta tornam-no um autor de difícil interpretação, suscitando várias teorias para explicar o porquê de três versões.

Como Justiniano começara a reinar oficialmente em 527. Williamson (1966) refere que os historiadores da Antiguidade Tardia não raro começavam a contar o reinado a partir da data da ascensão ao poder. Justiniano governou com o tio a partir de 518, mas só foi imperador em 527. Logo, a datação de Gibbon deve ser revista, segundo Williamson (1966). Isto despoletou um debate historiográfico que teve várias fases. A questão da datação tem importância para um dos aspetos cruciais da HS, que é a motivação do autor.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Alguns teorizam que dado haver em 550 a proximidade de um golpe contra Justiniano, a HS terá sido escrita por volta desse ano. Signes Codoñer (apud Greatrex 2014) relaciona a escritura da HS com a morte de Teodora em 548, porque PC acreditava que Justiniano iria ser substituído pelo sobrinho Germano.

Kaldellis (2009) aponta argumentos para a data de feitura ser 550: PC não faz referência a nenhum evento após 550; apesar do grande destaque que dá aos oficiais justinianos, cuja atividade descreve em pormenor, nada diz deles após 550, mesmo quando cometeram crimes posteriores, que PC logicamente teria citado; a omissão de acontecimentos importantes da década de 550 sugere que a obra parou neste ano.

A HS não tem título, originalmente. Aquando da sua edição no *Souda* do século X, o título que lhe é dado é *Anedokta*, que significa em grego “Trabalhos não publicados” (Williamson 1966: 7). Contudo, Gibbon (apud Williamson 1966) irá traduzir mal *Anedokta* por “Anedocte”, em português Anedota, e este título popularizou-se.

Até à sua descoberta em 1623, existem algumas referências enigmáticas a esta obra desconhecida, nomeadamente no *Souda* bizantino. Adshead (1993) defende que a obra só foi compilada séculos mais tarde. Permaneceu desaparecida até 1620, quando Niccoló Alamanni (1583-1626) se deparou com ela na Biblioteca Vaticana (Folger Shakespeare Library, 2015). Era um manuscrito grego, copiado algures no século XIV. Alamanni traduziu-o para latim e publicou-o em 1623 na cidade de Lyon, pela primeira vez, com o nome de História Secreta. Essa edição vem censurada, devido a certas partes consideradas obscenas. A edição causou impacto na opinião pública, porque até então Justiniano era visto como o último grande imperador romano e exemplo de monarca cristão. Abriu um debate sobre o reino de Justiniano e sobre a relação da historiografia com o poder (Mendelsohn, 2011). Apenas três anos volvidos, Thomas Ryves publicou em Londres uma defesa de Justiniano intitulada *Imperatoris Iustiniani defensio aduersus Alemannum*. A primeira tradução inglesa surgirá em 1674. Despoletou uma onda de “histórias secretas”, popularizando o estilo. Como exemplo, apenas 50 anos após a primeira tradução inglesa da HS, mais de 80 livros intitulados “história secreta” foram publicados. A tradução inglesa de 1674 aparece apenas com o editor, John Barksdale. Não se sabe quem é o tradutor (Folger Shakespeare Library 2015). Na edição parisiense de 1663, da autoria de Maltretus, a secção censurada não foi resposta. Outras edições

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

foram a de Comparetti, em Roma (1898), e a de Haury em Leipzig (1913). A edição de Haury é hoje a edição-padrão para as traduções da obra.

A primeira edição inglesa foi a de Holcroft (1623); em 1935, H. B. Dewing traduziu a obra para a Loeb Edition; em 1963 por Atwater; em 1966 a tradução por G.A. Williamson para a Penguin Books; em 2007 Peter Sarris reviu e traduziu a edição de G.A. Williamson; em 2010, Kaldellis traduziu a HS para a Hackett Classics. (Lillington-Martin e Turquois 2014)³.

A obra e a renovação historiográfica

A situação dos estudos historiográficos bizantinos é algo ‘paradoxal’. Por um lado, os estudos sobre Bizâncio não abundam na historiografia europeia, por comparação com os estudos sobre o império do Ocidente. Em Portugal, os títulos dedicados a esta área de estudo são escassos. Na Europa Ocidental há mais estudos publicados, mas sem comparação com o número que é dedicado à parte ocidental do império. Isto compromete, como é óbvio, o estudo da historiografia bizantina. A maioria dos estudos tem já algumas décadas. Contudo, recentemente tem havido uma tentativa de reavivar o interesse nesta área, que se saldou em novos estudos sobre a temática. Em 2014 ocorreram vários congressos dedicados a importantes historiadores bizantinos da Antiguidade Tardia. Em 2014, na cidade de Mainz, realizou-se um congresso sobre Procópio de Cesareia intitulado *The Late Mediterranean Society According to Procopius of Caesarea* (Mainz ScienceCampus, 2014).

Em 2014 deu-se outra conferência sobre PC, no Corpus Christi College, em Oxford, intitulada *Reinventing Procopius: New Readings on Late Antique Historiography* (Corpus Christi College, 2014). Esta conferência procurou renovar e fomentar a historiografia sobre Procópio, reunindo alguns dos principais nomes dos estudos procopianos: Averil Cameron (2014), Geoffrey Greatrex (2014), Henning Börm (2015a), entre outros. Num dos trabalhos resultantes desta conferência, C. Lillington-Martin (2014) destacou as novas iniciativas de renovação que se deram no estudo de Procópio:

³ A cota atual do original na Biblioteca Vaticana é VAT. GR. 1001. O manuscrito original é relativamente pequeno, com 25.4 cm de altura e 16.51 cm de largura. Alamanni escreveu um conjunto de notas e comentários no original da Biblioteca Vaticana, enquanto preparava a edição de 1623 (Mendelsohn, 2011).

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Peter Sarris reviu e fez a introdução à tradução clássica da HS da Penguin Books; Anthony Kaldellis traduziu, editou e fez a introdução da HS em 2010; Kaldellis também reviu e modernizou a tradução clássica de H.B. Dewing da DB, em 2014 (Lillington-Martin; Turquois, 2014). Também em 2014 se organizou um congresso dedicado a IM, historiador bizantino contemporâneo de Procópio, na Universidade de Tübingen, com o propósito de fomentar a avaliação dos textos do autor. Esta iniciativa foi promovida pela *Heidelberger Akademie der Wissenschaften*, que pretende avançar futuramente para o estudo da historiografia siríaca, tendo vários trabalhos já previstos (Greatrex 2014). O crescente interesse em PC e na historiografia bizantina no geral deve-se ao estudo da construção da narrativa em textos literários e historiográficos (Cameron, 2014: 15). De destacar também a prolífica produção de Kaldellis sobre a história bizantina, nomeadamente nas áreas da historiografia, da construção literária, da relação da filosofia grega com o cristianismo e o seu impacto na literatura bizantina. Outro aspeto positivo é o facto de Kaldellis disponibilizar a esmagadora maioria da sua produção historiográfica ao grande público, através da sua página na Academia Edu (Academia Edu, s.d.) e da sua página pessoal (Anthony Kaldellis Publications, s.d.), o que permite aos investigadores o acesso a uma bibliografia rara e inacessível. Também o *site The History of Byzantium* procura divulgar a história bizantina e disponibilizar materiais de estudo e entrevistas com os principais bizantinistas, contornando o desconhecimento e difícil acesso à investigação história bizantina (History of Byzantium, 2013). Outro campo de estudo é o da etno-história, com um crescente interesse na etnografia bizantina, os seus povos e nações (Popovic, 2016). Há desde quem defenda tratar-se de uma sociedade multiétnica, onde a religião é o fator identitário que aglutina os vários povos ou, como Kaldellis (2017a), que defende ser a natureza romana de Bizâncio a sua identidade definidora. A Cristandade oriental é um tema de crescente interesse, levando por arrasto a uma ‘redescoberta’ de Bizâncio. O estudo das igrejas siríacas, coptas e orientais é um dos campos que mais se tem vindo a expandir (Cameron, 2004).

Greatrex (2014:104-105) afirma que o domínio da historiografia procopiana por Kaldellis deve-se à hegemonia crescente do inglês, o que pode remeter para segundo plano estudos de historiadores como Dariusz Brodka e Juan Signes Codoñer, que estão em alemão. Devido a isto, corre-se o risco de existirem trabalhos paralelos e certa

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126.* DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

descoordenação na produção historiográfica. Assim, a conferência de 2014 no Corpus Christi College, procurou trocar impressões, unir esforços na investigação historiográfica e articular os vários campos do estudo procopiano, procurando ultrapassar estes desafios (Greatrex, 2014).

A historiografia procopiana foi dominada durante décadas por alguns paradigmas explicativos: a HS era da autoria de PC sem margem de dúvida; fora escrita para expor em segredo o que o autor não tivera coragem de dizer em público; PC era cristão, apesar dos moldes clássicos da sua obra (Greatrex, 2014). Devido a esta renovação historiográfica novas perspectivas foram surgindo. Kaldellis (2004) reabriu a questão do cristianismo de PC, afirmando que ele era pagão; aceita, como a maioria dos historiadores, que o autor exagerou nas descrições de Justiniano e Teodora mas afirma que a HS contém factos e não mentiras. Para Kaldellis (2004), PC simbolizou a oposição pagã-aristocrática e cripto-platónica ao imperador e a HS foi a sua expressão. Cameron (2014) afirma que Kaldellis coloca PC no grupo de escritores esotéricos do século VI. Por um lado, estas posições divergem da historiografia clássica, no sentido que creditam a PC maior veracidade nas acusações que faz, do que, por norma, historiadores como A. Cameron (2014) e Greatrex (2014) fazem, como se verá mais à frente. Por outro lado, esta posição de Kaldellis diverge das posições recentes, que floresceram nos anos 1990-2000, de que a HS era uma obra de ficção literária, como Brubaker (2004), ou que, dadas as diferentes posições que PC teve nas diversas obras, será impossível entender o seu verdadeiro pensamento, como defende Börm (2015b).

A historiografia procopiana conheceu diversas fases. Começaram por ser aceites as suas acusações contra o casal imperial, sendo que historiadores como Edward Gibbon foram profundamente influenciados por ele (Brubaker 2004). Mais tarde, L. von Ranke criticou a veracidade da HS, que considerou um conjunto de calúnias (Adshead 1993). Na escola metódica chegou-se a questionar a autoria de HS, afirmando que era ilógico ser de PC, dada a diferença de posições que tinha com as suas duas outras obras. J. B. Bury defendeu em 1889 que PC não escrevera a HS; mudou de opinião em 1923 (Cameron, 1985: 49). A autoria de PC acabou por ser aceite quase unanimemente, com os novos estudos linguísticos e hermenêuticos que se deram nos inícios do século XX. A avaliação do estilo, da linguagem, das referências cruzadas, autentica a autoria de PC (Adshead

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

1993). Até há algumas décadas predominava a ideia de que o DB era a grande obra de PC e onde exprimia o seu pensamento. Surgiram novas visões, como B. Rubin, que destaca a HS na obra de PC. Para Z.V. Udal'cova, a HS é um documento importante para entender a insatisfação popular no reinado de Justiniano (Cameron, 1985:49).

A visão predominante no século XX é representada por Cameron (1985) e Greatrex (2014) que defendem que a HS é uma história da oposição a Justiniano, misturando factos com padrões literários utilizados para veicular uma mensagem. Recentemente juntaram-se a esta visão tradicional os dois campos representados por Brubaker (2004), Börm (2015a) e Kaldellis (2004), havendo assim uma tripartição de posições sobre PC.

Estilo, temas e técnicas literárias

PC demonstra, nas suas três obras, uma mundividência em que a história é feita pelos homens, com pouca intervenção de Deus. O sobrenatural aparece em alguns momentos na HS, por exemplo quando afirma que Justiniano e Teodora eram demónios, para tentar explicar os seus defeitos, que atribuía a uma natureza demoníaca. Mas o centro de ação de todas as suas obras são os homens (Williamson, 1966). Os traços idiossincráticos da HS são: a *tyché*; a *parrhesia*, a retórica, a *kaiserkritik*, a condenação da imoralidade; a crítica à inovação nas tradições políticas romanas; a defesa das liberdades da República; a defesa da liberdade religiosa; a apologia da aristocracia senatorial romana; a inspiração nos moldes clássicos, nomeadamente Thucydides (1993); a inversão moral como símbolo da inversão política; o uso de padrões literários para causar emoção e interesse; o tom intimista e confessional; o permanente diálogo com o leitor; a linguagem truculenta (Procopius, 1966).

Williamson (1966) defende que o motivo para escrever a HS fora a vontade de dar a conhecer o outro lado da história, que o autor não se atrevia a contar em público. Como em 550 Justiniano adoecera e parecia estar perto da morte, PC sentiu ser a altura ideal de escrever a obra. Esperaria uma publicação imediata da obra, que acreditaria ser um sucesso imediato como o DB. Contudo, Justiniano ainda viveu mais 15 anos e, por isso, a HS nunca foi publicada. PC acabou mesmo a escrever o DA, um panegírico para Justiniano e Teodora, em total contradição com o que escrevera na HS (Procopius, 2014).

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Williamson (1966) teoriza que PC é de facto o autor da HS. Apesar da contradição de versões sobre as principais personagens que ataca (Justiniano, Teodora, Belisário e Antonina), nos factos principais não há contradição entre o que diz no DB, HS e DA. Apenas na HS apresenta uma interpretação diferente dos factos, mas não factos novos. O próprio PC não procura negar o que antes escreveu, apenas refere que ocultou certas causas dos acontecimentos. Williamson (1966) diz que, dado o estilo pessoal na escolha do grego, é pouco provável que seja uma falsificação, pois é ilógico imaginar que alguém se daria ao trabalho de tentar imitar cuidadosamente o tipo de escrita procopiana, por causa de uma obra que nunca poderia ser publicada em vida de Justiniano. Os factos que PC aponta na HS serão corroborados por provas posteriores, segundo Williamson (1966)⁴.

No prefácio, o autor começa por dizer que dantes procurara escrever os acontecimentos tão próximos quanto possível do lugar e do tempo de ação, numa referência ao DB. Mas, agora, descreveria tudo o que sucedera em qualquer lugar no império. Afirma que tal se devia a que, enquanto os responsáveis estivessem vivos, não lhe seria possível escrever a verdade, por temer ser morto (Procopius, 1966: 37). Uma abordagem mais emocional confere à obra um certo tom confessional, onde o autor, ao invés de começar com o habitual introito (sempre pautado por declarações clássicas sobre a história, a sua importância, a relevância dos acontecimentos descritos), começa com um estilo intimista, revelando as motivações que o levaram a escrever uma obra que saberia ser chocante para quem a lesse. Já no DB e posteriormente no DA frisarà sempre a importância do papel do historiador como pedagogo social. Há aqui uma vontade de se justificar, de se credibilizar, de mostrar que o seu propósito é unicamente a verdade. Este tom explica-se por o autor ter a perfeita noção de que o que descrevia seria inverosímil para muitos, pelo que procura credibilizar-se ao ‘dialogar’ com o leitor.

⁴ Meier (2016: 270-271) reflete sobre o número de mortos da praga de 541 que assolou Bizâncio e que foi descrita na HS. Afirma que PC exagerou em certos números, mas que a praga teve um efeito avassalador em certas zonas, como a Palestina (donde PC é originário), o Egipto e a Síria. Esta peste abalou também a Arábia, chegou ao Ocidente, atingindo a Alemanha, a Escandinávia e as Ilhas britânicas. Não foi apenas um acontecimento do império do Oriente. Pode ter durado até ao século VIII, com relapsos. Os números de PC terão sido baseados nos dados do bispo de Éfeso e terá calculado mal algumas percentagens, através da indução errada de alguns números, mas a praga e o seu efeito devastador foram reais. Meier concorda que se deve ler a HS de forma literária e não literal, ao usar técnicas literárias como a hipérbole e não tanto os números exatos. Aponta o impacto cultural da peste na criação de uma literatura apocalíptica, na proliferação do culto mariano e na descrença na religião perante a catástrofe que se desenrolava.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Quando descreve o casal Belisário e Antonina, fá-lo com descrições vividas, imagens sexualmente explícitas e descrevendo várias peripécias que envolvem ação, suspense e o maravilhoso. Fará algo similar quando falar do casal imperial. O uso de um casal como protagonista confere ao capítulo um certo tom romanesco, com ação, aventura e peripécias, pretende explicar, através deles, a decadência do império do Oriente, devida à corrupção moral que extravasa depois para todos os âmbitos da governação. Note-se o detalhe da descrição de Antonina. É descrita como uma mulher devassa, sem escrúpulos, intriguista, dissimulada, cruel, ímpia, uma feiticeira que usa a magia para subjugar Belisário. Sendo 20 anos mais velha que Belisário, a sua relação causou escândalo (Procopius, 1966). Nesta descrição, a acusação de magia não é apenas um mero listar dos defeitos de Antonina. PC aponta-a como uma causa do poder que Antonina adquiriu sobre Belisário. Esta é uma ideia fundamental na obra de PC: o destino dos homens é traçado pelas suas ações, resulta das suas ações. Ainda que a magia nos remeta aparentemente para o sobrenatural, Belisário deixou-se subjugar porque essencialmente era fraco de espírito. São, portanto, as nossas ações e fraquezas que ditam os nossos destinos, segundo o autor. O providencialismo em PC é ténue, apenas surgindo com mais força na parte final da obra, quando nos descreve a possessão demoníaca de Justiniano e Teodora. A imagem de Antonina como devassa e feiticeira é uma imagem recorrente das mulheres na historiografia desta era. Brubaker (2004) afirma que PC recorre a imagens estereotipadas das mulheres para criar uma ficção literária, cujo objetivo é atacar as ações dos respetivos maridos.

Numa dada altura, ao falar das intrigas de Teodora e Antonina para afastarem o Papa Silvério, PC afirma que descreverá esta história em detalhe num outro volume, sugerindo uma História Eclesiástica, que nunca chegará a escrever, ainda que Williamson (1966: 41-42) afirme que o original em grego pode significar “mais à frente neste volume”, mas tal não sucedeu. Estas constantes referências cruzadas a obras passadas ou futuras, são um dos argumentos mais fortes para credibilizar a autoria de PC sobre a HS, assim como a datação possível da obra e, também, uma forma de tentar entender o seu pensamento, pelas pistas que proporciona.

Ao descrever a história de Antonina e Teodósio, filho adotivo de Belisário, utiliza, igualmente, uma lógica de descrições sexualmente explícitas, algo que abundará na obra.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Estas descrições inserem-se nas técnicas literárias do autor, que usa o choque sexual para veicular uma imagem de corrupção generalizada. Nas relações atrás descritas, o autor aborda quatro questões morais da sociedade bizantina: o adultério, a licenciosidade feminina, o incesto e a diferença de idades. O autor usa as questões morais para, através delas, veicular uma ideia de inversão moral da sociedade, uma metáfora para a inversão total da ordem e moral. PC faz uma analogia da vida privada com a vida pública. Quando acusar mais à frente Justiniano e Teodora de opressão, de imoralidade e de supressão das tradições, associa-os a estes comportamentos. A esposa do mais importante comandante bizantino não respeita a regras morais e sociais do império. Belisário, apesar de flagrar Antonina e Teodósio, continuará a crer na esposa. Como pode alguém ser enganado em casa e conseguir triunfar fora? Como pode haver moral na política se não a há na esfera privada? Esta é uma ideia crucial em PC. Ao sugerir Belisário como alguém que se deixa manobrar pela mulher, PC faz uma das acusações fortes aos protagonistas masculinos da obra. Paradoxalmente, PC nutre admiração por Belisário, que vê como um grande general. Censura-lhe a fraqueza de espírito que o torna um joguete de Antonina. Quanto PC admite que ocultou certos factos na HS parece que interpreta a HS como uma correção do DB, procurando complementá-lo com os novos detalhes. O outro aspeto interessante é o facto de PC não esconder que omitiu factos, nunca nega nem revê o que escreveu (Procopius, 1966: 48).

É interessante ver como as descrições de Teodora e Antonina são simétricas: ambas são devassas, intriguistas, cruéis, imorais e ímpias. Há aqui um padrão de descrições. Logo a seguir, quando afirma que Belisário nada fez para proteger o enteado Fócio, afirma que Deus o abandonará por isso. Há aqui a visão da *tyché* (Procopius, 1966: 55). É a divindade grega do destino que simboliza o conceito de fortuna/destino. É uma ideia crucial em PC. Para GadorWhyte, o autor é um cristão que coloca Deus como o equivalente da *tyché*, o destino irremediável a que ninguém escapa. Também Brodka defende a ideia que PC é um cristão com influências clássicas (Greatrex, 2014).

PC mistura a historiografia “laica” de Thucydides com a sua fé cristã, mas com um providencialismo suave, que não é tão marcado como na maioria dos historiadores desta era, que são na sua maioria clérigos (Durán, 2010). PC tem assim um certo

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126.* DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

desinteresse por questões dogmáticas, o que surpreende num historiador do século VI, devido ao facto de ser um leigo e inserir-se na historiografia clássica.

Kaldellis (2012) decidiu reabrir o debate sobre o cristianismo de PC. Defende que se parte do pressuposto errado, de que a filosofia bizantina estava subordinada à teologia. Haveria autonomia de pensamento e até dissidência em relação à teologia. Questiona a harmonia entre a filosofia grega e o cristianismo. Defende que a tensão existiu, devido à tentativa cristã de impor um dogma e ao seu receio da dissidência que poderiam gerar os debates filosóficos. Advoga que PC é um platónico, um “pagão “cultural”, com uma historiografia imersa em temas platónicos e não um típico historiador cristão desta era (Kaldellis, 2004). Cameron (1985) discorda desta visão. Entende que PC é cristão, o que é visível pela sua visão histórica em que o maravilhoso interfere com o curso da ação histórica. No DA essa mundividência cristã é clara. Cameron (1985) entende que o facto de PC ter sido dos poucos historiadores da Antiguidade Tardia que criticou a repressão religiosa sobre as minorias não-cristãs, levou a que alguns especulassem sobre a sua filiação religiosa. PC, para Cameron, não era um liberal no sentido religioso. Era um conservador, mas criticou os abusos imperiais de matéria religiosa (Cameron, 1985: 6). PC criticaria as repressões religiosas, mais por pragmatismo do que por uma questão de princípio, porque tinham-se revelado danosas para o império (Cameron, 1986:66).

Outro tema central é a corrupção administrativa. PC tenta explicar os desastres de Bizâncio à luz de problemas estruturais do império, como a corrupção, a venalidade dos cargos, as intrigas, o desrespeito pelas liberdades romanas, a decadência das magistraturas tradicionais romanas e do aparelho estatal. Ao descrever a corrupção generalizada na administração, mostra uma capacidade de pensar como um historiador moderno, apontando causas como a venalidade de cargos, a incompetência e o nepotismo, explicativos da decadência de Bizâncio (Procopius, 1966).

PC mostra-nos as ações humanas como moldadoras dos destinos, na linha de Thucydides. Este último, quando descreve a fixação das tribos gregas na Hélade, descreve como estas passaram de nómadas a agricultoras, devido às vantagens inerentes, colocando a evolução humana como resultado de fatores como o clima, os recursos, as oportunidades, sendo os deuses ausentes das decisões (Thucydides, 1993). Tem uma visão profunda das questões, analisando e interligando aspetos económicos, sociais, políticos.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Quando analisa a evolução dos costumes dos lacedemónios, afirma que se deveu à adoção do que chama ideias modernas acerca do vestir e da moral. Esta noção de ideias modernas mostra um sentido de mutação constante em Thucydides. É uma filosofia da história, que também se nota em PC. Por exemplo, Thucydides critica os poetas como Homero por mistificarem a história, ao falarem de deuses ou ao basearem-se em rumores e no maravilhoso, apenas para serem atrativos, roubando a dimensão histórica ao facto e colocando os acontecimentos no reino da lenda. Ele aponta sempre motivações racionais para os atos (Thucydides, 1993). Na HS os pormenores explícitos de cariz sexual, a corrupção moral e o maravilhoso, são técnicas literárias que visam transmitir uma imagem, envolver emocionalmente o leitor, usando, como metáforas, a analogia, as imagens-choque, os padrões morais, para que o leitor melhor se relacione com a obra.

Ao começar a descrever o reinado de Justiniano, PC abre as “hostilidades”, por assim dizer, ao afirmar que este causou danos, nunca vistos, ao povo romano. Estas hipérboles marcam toda a obra. Usa a hipérbole de forma muito específica. Por exemplo, ao descrever uma peste devastadora que assolara o império anos antes, afirma que se à peste alguns escapam, a Justiniano ninguém escapa: *like any visitation from heaven falling on the entire human race he left no one completely untouched* (Procopius, 1966:70-71). Isto cria um elo emocional na história, para, entre outras coisas, ganhar o apoio do leitor, apresentando Justiniano como um tirano sem paralelo. Afirma que Justiniano extorquiu as propriedades de quase todos os romanos; matou milhares sem o mínimo escrúpulo; forjou processos falsos de delitos sexuais ou fiscais para incriminar opositores; destruiu o estado de lei, a presunção de inocência e o direito a um julgamento justo; gerou um caos político e corrupção que arruinaram economicamente o império; gastou balúrdios em obras inúteis, ao passo que infraestruturas vitais foram negligenciadas; tinha a mania da inovação, desrespeitando as tradições políticas, afirmando que este fora *a unique destroyer of valuable institutions* (Procopius 1966, 70).

A inversão dos valores é uma das ideias mais fortes que PC veicula na obra. Justiniano inverteu a ordem lógica das coisas para PC: o mal governa e o bem perde; a família é o berço de muitos crimes, em vez da proteção e refúgio das vítimas; os valores sexuais são invertidos. Anthony Trollope fala sobre esta inversão como uma técnica literária poderosa (Greatrex, 2014: 101). Pega-se num arquétipo positivo e inverte-se para

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

criar um efeito poderoso. Isto é a inversão do que E.R. Curtius (1990: 162) apelida de *outdoing*, uma técnica panegírica, em que o objeto de elogio é descrito como não tendo igual. Aqui, PC inverterá esta técnica, querendo descrever os crimes de Justiniano como algo único na história. PC tem uma capacidade de aprofundar psicologicamente as suas descrições, através da mestria com que escreve, com o uso de técnicas literárias apuradas para criar um fundo emocional e cativar o público. Apesar das técnicas literárias usadas, PC procura sempre aferir das causas dos acontecimentos, mesmo se tivermos em conta que recorre em último caso ao providencialismo como explicação, quando tudo falha.

As acusações de PC a Justiniano são o aspeto central da obra. As acusações ecoam a típica visão da aristocracia romana, que tinha aversão aos caos, à desordem, à inversão moral e à supressão das tradicionais magistraturas e liberdades romanas. PC insere-se neste grupo. A HS é uma *kaiserkritik*, em que o imperador é acusado de oprimir os cidadãos, suprimir as liberdades romanas e trazer a ruína económica (Börm, 2015a). Também funciona como um panegírico invertido, onde o visado é acusado de ser o oposto do arquétipo ideal de imperador (Brubaker, 2004). PC sugere um imperador que não tem qualidades como inteligência, força de espírito, pensamento autónomo, o que, conjugado ao poder crescente que o imperador ia ganhando, tornou-se uma combinação letal para o império.

O uso de metáforas e de analogias percorre a obra. Quando diz que para se saber como se parecia Justiniano bastava ver o retrato do imperador infame Domiciano, usa este detalhe como uma analogia, comparando Justiniano a um imperador que sofrera a *damnatio memoriae*. Para descrever a aparência de Justiniano não precisaria de compará-lo a Domiciano, fê-lo visando comunicar emocionalmente com o leitor e inculcar-lhe um conjunto de imagens. Domiciano, cuja política se pautou por um crescente controlo do governo central sobre Roma, e pela supressão do que restava das prerrogativas senatoriais, fora tornado infame na história de Roma (Bordet, 1995). O paralelismo de algumas das suas políticas com as de Justiniano é claro e o paralelismo que PC estabelece não é accidental. PC equipara Justiniano aos imperadores infames de outrora, cuja imagem-padrão de tirania, impiedade e imoralidade, funciona como um arquétipo negativo. A imagem é mais poderosa que qualquer descrição longa de um reino. É uma técnica literária clássica, que torna a obra dinâmica e não uma mera enfadonha lista de dados

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

cronológicos. Por exemplo, ao dizer que Justiniano espoliava os cidadãos da sua riqueza, não adota uma linguagem de tipo anais como “no ano 555, Justiniano confiscou x propriedade ao senador y”, mas antes *of the forcible seizure of property and the murder of his subjects he could never have enough...* (Procopius, 1966: 94).

No caso das descrições das personagens femininas, há também simetria na descrição de Teodora, em relação ao esposo, em que ela é descrita como também sendo ambiciosa, cruel e tirânica (Procopius, 1966). As duas mulheres principais da obra cometem adultério e são dominadas pela lascívia. Os pormenores explícitos atingem o auge na descrição da vida de Teodora, com detalhes tão assombrosos que levou a maioria dos historiadores a entendê-los à luz do simbólico (Korte, 2005). Segundo a autora, as descrições são exageradas e enquadram-se em padrões literários da invetiva, não devendo ser levados à letra. Fazem parte da estratégia de assassinato de carácter que PC usa, não sendo possível averiguar a sua veracidade (Korte, 2005).

Uma das ideias mais interessantes de PC na HS é quando refere que as perseguições fiscais, sexuais e religiosas eram um embuste, orquestradas a partir de acusações forjadas, com o objetivo de extorquir as riquezas dos grupos religiosos e destruir os opositores. Por aqui pode-se intuir que aquilo que de facto PC censura em Justiniano é a sua política, a sua repressão das liberdades antigas, o apagamento do Senado e das magistraturas romanas; a reforma do exército que enfraquece o poder romano; a reforma moral, onde Justiniano passa a permitir o que até então era proibido. Ao longo da obra, ele deixa transparecer um conceito de tolerância religiosa, censurando as perseguições antissemitas e às heresias. Sugere o mesmo sobre os processos de homossexualidade e atentado à moral, que Justiniano incentivou, mostrando que eram forjados. Defende as liberdades religiosas do tempo da República e o direito de todos os cidadãos do império adorarem as suas crenças ancestrais, apesar de se afirmar como cristão. Descreve cenas poderosas de grupos heréticos que resistem corajosamente a Justiniano, desde gente que enfrenta soldados, a gente que se suicida ou exila. Num relato pungente, descreve um grupo de montanistas da Frígia que se barricaram nas igrejas e pegaram fogo a si próprios, recusando abjurar. Os astrólogos são vexados publicamente. PC mostra aqui um tom de admiração e de compaixão por estes grupos. Nas heresias descreve uma situação interessante. Afirma que os grupos heréticos tinham fortunas

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

consideráveis, porque até então nenhum imperador os havia importunado. Devido à sua riqueza, parte da população católica dependia deles para viver e não havia animosidade. As perseguições às heresias e o confisco das suas propriedades provocaram um colapso económico que afetou sobretudo os mais pobres, católicos inclusive.

Se a historiografia tende a retratar as heresias como grupos marginais e de fraco poder social, aqui transparece o contrário. Atente-se neste detalhe. PC nasce em Cesareia, uma zona marcada por grandes divisões religiosas entre cristãos, samaritanos, judeus, etc. (Greatrex, 2014). Isso explica a sua abertura às outras fés? Cameron (1985) entende que o pensamento de PC é complexo e compósito. Para Cameron (1985:7), PC escrevia uma história clássica secular, focada em questões militares e políticas, nos moldes de Thucydides. O aspeto teológico não era aqui tão importante. Contudo, deparava-se com uma emergente historiografia cristã que defendia a fé. PC assemelha-se mais a esta segunda corrente quando escreve o DA, quando recorre ao maravilhoso e à defesa da ortodoxia imperial, e assemelha-se à primeira quando escreve o DB. O pensamento de PC era complexo para Cameron (1985), que defendia que não se podia entender o autor apenas por uma das obras, mas sim pelas três que escreveu. Contudo, para Cameron (1985) PC sempre defendeu a política imperial, apenas criticando os seus abusos. A historiografia tardo-antiga oscilava entre estas duas tendências historiográficas, mas no geral alinhava com a política imperial e os seus pressupostos. Para Cameron (1985), no DA, PC mostra que entende que o poder do imperador vem de Deus e aí recorre ao maravilhoso para explicar a glória de Justiniano. Ele não questiona esse pressuposto. Apenas se diferenciou da maioria dos historiadores tardo-antigos ao criticar a repressão religiosa, mais por motivos pragmáticos, do que por questões de princípio. Os problemas que a repressão causara fizeram PC entender que era contraproducente (Cameron, 1985: 6). Após PC, não mais se escreveu história nos moldes que ele fizera e, dentro de duas gerações, a historiografia clássica foi interrompida (Cameron, 1985: 45).

Como boa parte dos historiadores deste período provêm crescentemente do clero, eles defendem a repressão religiosa (Johnson, 1993). Logo, é surpreendente ler uma visão de tolerância como esta que PC expõe. IM, que é o principal historiador da era de Justiniano, juntamente com PC, observa a situação de forma oposta. Elogia as perseguições aos hereges, pagãos e homossexuais, como tratando-se da defesa da fé e da

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

moral (Scott, 1985). Para o autor, esta crónica mostra a propaganda de Justiniano, ao passo que HS está vinculada à oposição (Scott, 1985).

Uma questão se coloca. Olhando para as histórias oficiais, aparentemente somos levados a pensar que todos os historiadores da época defendiam a repressão religiosa e moral. A própria historiografia sugere, por vezes, isso. Contudo, PC surge-nos como uma voz que defende claramente a tolerância religiosa semelhante à da Roma republicana (Bordet, 1995). Até que ponto estas ideias eram dominantes? O próprio PC sugere que as populações se opuseram às perseguições. Representa uma visão mais tolerante que, por norma, a historiografia tende a não referir? Dada a sua visão de defesa das liberdades tradicionais do povo romano, a noção de um controlo estatal crescente, nas várias esferas da vida pública, como a religião, ia contra o ideal inicial da República, como entendia a corrente de PC. A noção de tolerância religiosa em PC deve ser entendida a esta luz. O seu pensamento tem certas afinidades com o pensamento de personalidades como Catão, que criticava os gastos excessivos em luxo e a transgressão das regras morais. Ainda que a República estivesse defunta, ela continuou a ser sempre um arquétipo político e moral de todas as gerações romanas. Assim, não obstante distarem sete séculos de distância entre Catão e PC, há uma similaridade em certos aspetos do pensamento de ambos. Isto tão pouco surpreende quando se percebe a influência dos clássicos em PC, percebendo-se que o governo-modelo para PC seria algo similar à Roma republicana ou ao início da era de Augusto. As suas críticas à forma como Justiniano obrigava os senadores a humilharem-se perante o imperador, mostra a sua aversão a uma monarquia absoluta, o que o enquadra no pensamento conservador republicano ou defensor de um imperador rodeado de um Senado forte. Segundo Kaldellis (2004-2006), com Justiniano, Bizâncio foi-se tornando uma sociedade de despotismo de tipo oriental que PC tanto censura.

Outro recurso literário é o das constantes citações de Aristophanes e das suas obras, como as *Nuvens* (Aristophanes, 1853). Aristófanes simbolizava a sátira corrosiva e o pensamento conservador, avessos a inovações, usando uma linguagem crua, à semelhança de PC. A sua aversão a grandes inovações e aos debates filosóficos de cariz metafísico que abalavam as crenças tradicionais é o tema central nas *Nuvens*, onde ridiculariza Sócrates e a sofística (Aristophanes, 1853). As críticas de PC aos debates intermináveis sobre as heresias e ao dogma trinitário que Justiniano patrocinava, ecoam

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

a mesma visão que Aristophanes tivera séculos antes sobre a sofística. Isto mostra, mais uma vez, a emulação dos clássicos gregos em PC. As influências latinas são mais escassas na sua obra. Cameron (1985:41) atribuiu esta crítica aos sofistas e à especulação filosófica, às polémicas cristãs, contra a especulação, filosófica e científica, que ecoaria em PC.

Um outro recurso é o maravilhoso que usa perante a escala de crimes que imputa ao casal imperial, para dizer ao leitor que a explicação para tal é uma só: os dois eram demónios, não podiam ser humanos. Noutro laivo de maravilhoso atribui a verdadeira paternidade de Justiniano a um demónio. Há aqui uma inversão do maravilhoso, usado positivamente. Nas hagiografias, o nascimento do santo é por norma anunciado por algum sinal divino. Aqui, PC inverte essa técnica, colocando um demónio como pai de Justiniano. Noutro momento, Teodora afirma que num sonho lhe disseram que se tornaria a esposa do rei dos demónios, e por isso não mais precisaria de se preocupar com dinheiro. Há aqui um jogo literário comparando à tentação de Jesus no deserto, onde o Diabo O tenta com as riquezas e poder e Jesus rejeita-o (Mt, 4, 1-11). Cristo rejeita o dinheiro e o poder, enquanto Teodora aceita a tentação. Conclusão: Teodora é um Anti-Cristo.

Este maravilhoso é também uma forma de contactar com um público mais vasto e menos culto que pudesse ler a obra. Quando se usam padrões e técnicas literárias, não se faz só para construir um texto. Questiona-se qual o público que o leria. Um público mais vasto e menos culto poderia ler estas descrições sobrenaturais de forma literal e decerto estaria familiarizada com estes padrões literários que o autor usa. A possessão demoníaca é um tema cristão desde sempre. A devassa moral, a corrupção, a natureza demoníaca, são clássicos da literatura cristã e da Antiguidade Tardia e que garantiriam ao autor que o público potencial da obra seria muito vasto e facilmente cativável por esta (Durán, 2010). O público-alvo da HS é a posteridade, procurando o autor um público massivo, pois a sua obra tem tantos elementos para cativar as massas, como tem elementos para cativar os historiadores.

PC faz um panegírico invertido, onde as qualidades clássicas do arquétipo régio são invertidas para mostrar Justiniano como o oposto de um rei modelo. Por exemplo, quando refere que Justiniano quase não comia nem dormia, levantando-se a meio da noite para trabalhar. Em vez de enaltecer estas qualidades, ou admiti-las a contragosto, inverte-

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

as, atribuindo-as a uma natureza demoníaca. Quase não come e bebe porque é um demónio e não um homem modesto e frugal. Levanta-se a meio da noite porque é um demónio, essa é a sua natural hora do dia e porque tem uma sede insaciável de horas para arranjar esquemas que destruam o império e não porque é um imperador dedicado (Procopius, 1966). Contudo, no DA, esta descrição é o oposto. Justiniano quase não come nem bebe, porque é um monarca cristão exemplar, que jejua permanentemente e que se levanta a altas horas para tratar dos assuntos de estado (Procopius, 2014). Isto exemplifica o talento literário do autor, que consegue escrever sobre a mesma situação por prismas diferentes. E também mostra como virtualmente qualquer assunto pode ser escrito sob múltiplas perspetivas.

O autor admite que Justiniano tinha boas qualidades, algo que não concorda com a sua descrição como um demónio. Por outro lado, a própria admissão, por PC, deste facto é intrigante. O autor poderia pura e simplesmente omitir isto, dado que contradiz o retrato que quer transmitir. Mas o facto de o admitir dever-se-á a que provavelmente seria do conhecimento público que o imperador teria algumas boas qualidades, pelo que PC achou por bem não omitir, antes tentar de novo fazer um panegírico invertido, ao afirmar que as qualidades acabaram por ser importantes a destruir o império. Por outro lado, nota-se aqui nas entrelinhas, uma camada de verdade a que o autor não consegue escapar.

Ao descrever as personagens, PC mostra uma capacidade de avaliação psicológica profunda, procurando entender as personalidades e como estas influenciaram a governação. Afirma que traços como a sede de adulação, o egocentrismo, a incapacidade de ouvir os outros, predisuseram Justiniano ao mal, tornando-o um tirano. A sede de dinheiro de Teodora levou-a a alinhar na tirania do marido para ascender. A paixão cega de Belisário por Antonina levou-o a ignorar os defeitos de personalidade desta. A falta de moral de Antonina levou-a a unir-se a Teodora nas suas intrigas, para beneficiar da sua amizade. Em todas estas ideias, que PC veicula, o autor tenta mostrar que são as pessoas com os seus defeitos e virtudes que ditam as ações. O sobrenatural aparece como último recurso explicativo quando tudo o resto falha, ou como uma técnica literária para criar emoção. Mas o essencial em PC é a personalidade de cada um e as suas opções. Em vez de criar uma história repleta apenas de clichés, tenta apontar os traços específicos de personalidade que são importantes para o desenrolar da história: o egocentrismo de

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Justiniano; a ambição de Teodora; a paixão cega de Belisário; o intriguismo de Antonina. Esta psychologização da história é algo crescentemente raro na historiografia da Antiguidade Tardia, à medida que se vai entrando na Idade Média, e o estilo anais ia ganhando força. Ao mesmo tempo, uma profundidade psicológica confere dinâmica e intensidade à obra, dando-lhe um cunho de romance e aventura.

O autor faz várias vezes referências a temas que iria abordar mais à frente na obra, mas que na verdade não chegou a fazê-lo. Isto sugere que, quiçá, a HS estará inacabada? (Procopius, 1966: 125). Contudo, temas fortes foram objeto de análise, como, por exemplo, nos capítulos 5 e 6 aborda as reformas fiscais e económicas, a reforma do exército e a política militar de Justiniano, que acusa de incompetência. A pobreza e o caos alastraram com Justiniano, devido a uma taxa abusiva, aos confiscos de propriedades, aos esquemas económicos que o imperador criara para enriquecer, à venalidade dos cargos e ao desmantelamento do sistema tradicional da administração e exército, assim como aborda o declínio cultural e intelectual provocado pelo desmantelamento dos ofícios ligados à cultura.

O debate historiográfico sobre a História Secreta

A que ponto difere HS da historiografia do seu tempo? É comum dizer que a historiografia é uma arma ao serviço do poder (Boy, 2011). Segundo esta perspetiva, a historiografia serve para justificar as políticas seguidas por quem encomendou as histórias. No DB, PC começa por dizer que escreve a história das guerras bizantinas para que a posteridade conheça a realidade e os horrores que as guerras causam (Procopius, 1971). Aqui defende uma visão pedagógica da história. A mesma visão pedagógica emerge no DA, mas aqui de forma panegírica, procurando dar à posteridade um exemplo positivo, a grandiosidade das construções justinianas, para que todas as gerações nelas se possam inspirar (Procopius, 2014). Como conciliar então, esta noção pedagógica da história com o facto de a maioria dos historiadores estar ao serviço do poder? Note-se isto. Na HS, o autor admite bastas vezes que não disse toda a verdade. Contudo, no DB, escrito pouco tempo antes da HS, PC afirma apologeticamente sobre a verdade histórica: *that while cleverness is appropriate to rhetoric, and inventiveness to poetry, truth alone is appropriate to history* (Procopius, 1971: Chapter 1, 3-9).

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Estas declarações soam a irónicas, considerando a HS. O autor temeu escrever tudo o que sabia, como defende Kaldellis? (2017c). Ou, como defende Adshead (1993), a HS reflete uma desilusão do autor com a política de Justiniano, que apoiou inicialmente no DB? Adshead (1993) defende que as alterações nas obras e no estilo de PC se devem a uma evolução de perceção do autor, enquanto James A. S. Evans (1970: 218-223) considera que PC inicialmente apoiou Justiniano, pensando que era um cristão, desiludindo-se de forma crescente, até acabar por o descrever como um demónio. A HS é uma adenda ao DB e uma forma de PC pedir perdão aos leitores, por ter apoiado um imperador ruinoso, segundo Evans (1970) e Kaldellis (2004). Greatrex (2014: 30-32) defende que já no DB se notava algum criticismo subtil. Usando a técnica de colocar diálogos na boca de terceiros, PC vai-nos dando a entender o que pensa sobre o poder político. Quando descreve a sucessão de Arcádio, indica como este procurou conselhos nos homens de conhecimento, que, por norma, abundavam à volta do imperador, e qual era o perfil de um imperador ideal. Cruze-se isto com o que mais tarde afirma acerca de Justiniano na HS, cujo principal defeito era a incapacidade de ouvir conselhos.

O contraste com a HS, escrita 11 anos antes, não podia ser maior. O PC tolerante com todas as religiões dá lugar a um PC que aceita a imposição de um dogma como algo positivo. O autor que expõe na HS a perda territorial, o despovoamento de cidades, a insegurança perante a invasão, afirma o oposto no DA. A inovação legislativa e administrativa que PC arrasa na HS, é descrita como o melhoramento de leis obscuras e anacrónicas no DA. O imperador que instrumentaliza o sistema judicial contra os opositores para os destruir na HS, dá lugar a um imperador justo e misericordioso, que perdoa os opositores. É interessante cruzar as três obras do autor, para ver que os mesmos aspetos aparecem descritos de forma diferente. As acusações cruciais de PC na HS aparecem sempre no DB, antes, e no DA depois, mas variam consoante a interpretação que o autor dá. É como que um esquema de ideias e arquétipos literários que se utilizam de forma positiva ou negativa, consoante o tom que se quer dar. Inovar na legislação e na administração é destruir as tradições e liberdades romanas na HS; no DB e DA é conduzir o império ao progresso, expurgando as leis e administração de erros e arcaísmos. Impor um dogma de fé a todo o império é tirania e algo contraproducente na HS; é união do império e salvação das almas no DB e DA. Por vezes há contradições. No DA, Justiniano

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

aumentou a dotação de tropas; concedeu prosperidade económica, garantiu os bens básicos aos cidadãos; criou inúmeras cidades; renovou, melhorou e reparou as infraestruturas do império; apoia a facção ortodoxa do partido dos Azuis contra o partido monofisita dos Verdes. Na HS, Justiniano diminuiu o número de tropas, deixando as populações entregues a si mesmas; arruinou o império a um nível sem precedentes; criou esquemas para ganhar fortunas a especular com os bens básicos, tornando-os inacessíveis e gerando grandes fomes; despovoou cidades inteiras com as guerras e perseguições; desbaratou o erário público em obras inúteis ao passo que infraestruturas vitais não eram reparadas; os Verdes e Azuis são *gangs* criminosos sem qualquer ideologia a não ser o poder; as lutas religiosas são uma fachada para grupos rivais lutarem pelo poder e para afastar opositores com acusações de atentado à religião. No DA, Justiniano é apresentado como um arquétipo de imperador cristão: justo, piedoso, pacífico, grande construtor, vitorioso, grande legislador, defensor da fé da moral (Procopius, 2014). Porquê três versões distintas?

Esta obra intrigou a historiografia desde sempre. O facto de ser uma obra da oposição popularizou-a. O facto de nunca ter sido publicada em vida do autor simbolizou, para muitos, a prova acabada de que a historiografia oficial era condicionada pelo receio de represálias. A HS era tanto a prova de que existia uma historiografia de oposição, como a prova de que a historiografia oficial estava repleta de omissões, com os autores a pensarem algo muito distinto do que por vezes escreviam. Contudo, as diferentes versões que PC apresentou, assim como os factos chocantes que reporta, as descrições explícitas, colocaram sempre questões à volta da obra. Os três campos historiográficos em que por norma se ‘arrumam’ as interpretações, defendem diferentes perspetivas, não havendo, contudo, uma posição estanque em nenhum dos grupos; as ideias podem sobrepor-se nos vários campos.

Evans defende que a HS é uma espécie de novela, com certos aspetos satíricos, que obedece a uma estrutura clássica: viagem-aventura-fórmula de amor (Adshead, 1993: 7-8). Defende que a obra usa temas fortes como o perigo, a separação, a quase-morte, a reunião, para criar um dramatismo literário e impressionar o leitor. O uso da sátira é típico de um autor altamente sofisticado e competente literariamente (Adshead, 1993). As imagens choque correspondem a padrões literários clássicos: a prostituta Teodora, a

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

feiticeira Antonina por exemplo. O incesto é um clássico tema-forte da literatura, recorde-se o Rei Édipo (Sophocles, 1912).

Adshead (1993) chama a atenção para a similaridade entre os temas procopianos e os temas da tragédia e comédia grega. É esse o contexto literário da obra. São usados para chocar e horrorizar. São também usados para atacar personagens odiadas. PC não concebe outra explicação para o amor de Belisário por Antonina (uma mulher muito mais velha) que não fosse a magia ter subjogado Belisário. Ou que, perante um flagrante dado em Antonina, este não se apercebesse da verdade. As diferenças de idade entre Antonina e Belisário, as diferenças sociais entre Justiniano e Teodora e o passado de prostituta de Teodora, desafiavam as convenções da época. Adshead (1993) insere a HS no estilo da *Nova Comédia Grega*, visível nas influências de Diodoro na obra. Não concorda com os que dizem que a obra é apenas uma diatribe fanática e enviesada, qualificando isto como uma posição desproporcionada. Defende que a obra tem um tom demasiadamente intimista para ser uma diatribe. A obra é sobretudo uma etiologia, um género literário pouco estudado que procura as causas das coisas. Para Adshead (1993) o cerne da obra é aquilo que PC afirma logo no início da HS: querer explicar o porquê dos acontecimentos. O próprio recurso ao sobrenatural advém de a obra ser uma etiologia. Como, em última análise, procura entender as causas das coisas, deparando-se com um caos e corrupção numa escala nunca vista, PC recorre-se do sobrenatural para explicar o que não consegue fazer por meios racionais. Para Adshead (1993), PC emula Thucydides: na identidade da causa de raiz; na psicologia das pessoas e dos atos; na análise profunda dos vários fatores sociais, económicos e políticos que levam à ruína; na filosofia da história; na noção de contágio universal; na descida à violência; na insistência na vitória pelas fações; no contraste de atitudes na guerra e na paz; na comoção e confusão. Isto, segundo Adshead (1993), mostra que PC escreve uma obra séria, não uma ficção.

A temática demoníaca era um *cliché* literário no século VI bizantino, envolvendo, por exemplo, a personagem de Juliano, o Apóstata. As visitas demoníacas noturnas a Justiniano, a fuga do monge da presença do imperador e as descrições de Justiniano, estando descabeçado, eram imagens literárias comuns. No que toca aos factos económicos que PC aventa, Adshead (1993) afirma que cometeu erros: Justiniano não desvalorizou a moeda e a política de centralização régia não é sua invenção, mas uma tendência anterior

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

a Justiniano e que se prolongaria após este. Justiniano limitara-se a continuar a política dos seus antecessores. Contudo, PC dá vários detalhes importantes sobre as políticas económicas da era, como a privatização dos cargos, a liberalização dos preços entre outros. Um aspeto crucial que emerge na HS é o poder crescente do dinheiro, por contraponto ao poder da velha aristocracia senatorial. É esta a nova fonte de prestígio social, já não mais o Senado (Adshead 1993).

Adshead (1993) defende que a HS não é uma obra, mas três: uma novela, uma etiologia e um panfleto financeiro. Foi a compilação das três partes numa que criou a impressão de uma só obra. Terá sido escrita em 550 e compilada por volta de 1000, no *Souda*. Foi essa compilação no século XI que lhe deu a forma atual (Adshead 1993, 19). A obra terá sido conhecida por alguns, pois este estilo foi imitado por historiadores como Evrágio Escolástico ou João de Antioquia. Tornou-se um manual para os críticos de qualquer imperador. Kaldellis (2009) discorda em parte desta visão. Afirma que as referências cruzadas entre as várias obras do autor, a sugestão de uma futura História Eclesiástica, mostram que a HS era uma obra coerente entre si, com uma edição cuidada. Para chegar à datação da compilação como sendo o ano 1000, Adshead (1993) aponta várias pistas. A obra não é mencionada na Biblioteca de Fócio, logo a compilação é posterior a esta. No século XI, Bizâncio estava a contas com uma “guerra” historiográfica entre os historiadores pró-imperiais e os críticos do poder imperial. Assim, a compilação de uma obra que desmontava a imagem de um passado imperial idílico seria de grande utilidade para os críticos imperiais do século XI. Aponta que o compilador terá sido S. Simeão Metafrasta (c.900 – c.987), famoso hagiógrafo bizantino do século XI. Era um crítico do imperador Basílio I, cuja história imoral procurava expor. Para Adshead (1993), foi Simeão Metafrasta que compilou a HS, porque a sua publicação criaria uma poderosa analogia com a sua crítica a Basílio I. De facto, no século X, Bizâncio lança uma reconquista de várias terras e vários historiadores recuperam o estilo de PC no DB, para equiparar a reconquista do século X à reconquista do século VI com Justiniano (Kaldellis, 2015). PC era um autor muito popular ainda nessa altura, inspirando os historiadores do século X. Logo, a teoria de Adshead (1993) pode ter alguma lógica. Compilar uma obra inédita, de um autor popular, a atacar o período áureo, quando a historiografia exaltava agora a nova reconquista e o novo poder, podia fazer todo o sentido para a oposição ao

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

imperador. Kaldellis (2004: 3) defende que haveria pelo menos duas pessoas que conheceriam a HS em vida de PC: Simplicio da Cilícia (c. 490 – c. 560) e IL. O primeiro era um dos últimos neopagãos de Bizâncio. IL era, tal como PC, um conservador. Estudara com o filósofo Agáprio e defendia a cultura clássica contra o que considerava ser o absolutismo burocrático imperial. Tanto IL como PC evitavam referências cristãs, o que mostra que pertenciam à oposição pagã, segundo Kaldellis (2004). Ambos exerceram as mesmas profissões. Viveram ambos em Constantinopla entre 540-550. Nessa altura, IL ensinava e escrevia o seu célebre *De Magistratibus* (DM), onde aborda o declínio da magistratura romana. Kaldellis (2004) afirma que a hipótese de se conhecerem era muito elevada. A isto somem-se as similaridades de pensamento, de estilo e linguagem entre a HS e o DM. O autor defende que IL conheceria a HS e que os dois autores trocariam ideias. O tom aparentemente panegírico de IL no DM é formal e, na verdade, enganador. IL usa uma técnica historiografia de crítica subtil, ao colocar factos comprometedores em referências cruzadas aparentemente inócuas. Um exemplo: começa por elogiar Justiniano por manifestar uma piedade como a de Octávio Augusto. Contudo, pouco depois, na obra, diz que a piedade de Octávio Augusto era hipócrita (Kaldellis, 2004: 5). Assim, permitia, subtilmente, ao leitor atento, extrair por si conclusões. Há também similaridades em certos temas entre o DM e a HS, como o uso de Domiciano como exemplo de tirania; a crítica ao declínio das magistraturas, entendidas como baluarte contra a liberdade; a aversão à inovação jurídico-administrativa. Apesar de poderem ser apenas dois intelectuais a responder ao mesmo cenário político, Kaldellis (2004) defende que IL teria uma cópia da HS. O grupo opositor a Justiniano terá sido o guardião do manuscrito da HS?

Dadas as várias versões que defendeu, em três obras, torna-se complexo decifrar o pensamento de PC. Os historiadores divergem nas interpretações da maioria das ideias de PC. Os historiadores dividem-se por entre defender e atacar PC.

Greatrex (2014) defende que nem PC nem Justiniano eram tão excepcionais como se pensava. A repressão da aristocracia, que Justiniano ordena, não fora incomum na história. Granjeou-lhe, contudo, o ódio desse grupo e PC reflete esse pensamento. O historiador João de Antioquia (429-441) fez críticas ao imperador Anastácio (antecessor de Justino) similares às que PC fará a Justiniano. Logo, a crítica aos imperadores era algo

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

comum na historiografia, dado que boa parte dos historiadores provinha da aristocracia. Sempre que um imperador atacava a aristocracia, esta elite cultural atacava-o. Esta luta é antiga, antecedendo em muito PC e Justiniano (Greatrex, 2014). O relato da devastação social provocada pelas perseguições é, a nível emocional, um dos pontos altos da obra. Contudo, para Greatrex (2014), Justiniano limitou-se a seguir uma tendência do tempo e não propriamente a criar algo de novo. Assim como a sua promoção de uma nova elite, assente no dinheiro, que é alvo de críticas, não é algo novo. Para Greatrex (2014), um grande erro será tentar ver Justiniano como deslocado de um contexto maior. Apesar da sua prolífera atividade legislativa, Justiniano apenas continuou uma lógica que já vinha de trás. A aristocracia continuou a gozar de alta proteção jurídica e não era fácil ao imperador atacá-la de forma frontal. Em vez disso, usaria expedientes. Só com Focas (que reinará quase 90 anos depois de Justiniano) se verão execuções públicas de aristocratas sem já o mínimo de pudor. Para Greatrex (2014) o temor de PC de ser executado é algo que se deve questionar. Dá como exemplo um conjunto de autores que escreveram libelos anticristãos nos séculos V e VI e sobreviveram. Ou o facto de vários dos textos anti-Justiniano terem chegado até nós, o que pode constituir prova de que a repressão não seria tão grande como se pensava. Chegou até nós mais literatura hostil a Justiniano que em relação a qualquer outro imperador. Qual o significado disto? A repressão não foi tão grande como PC descreve? Ou mostra que, de facto, Justiniano fora um tirano e que PC fora apenas um dos vários críticos a ele? Para Greatrex (2014) a forma como a HS inspirou outros historiadores bizantinos, ao criticar a política imperial, mostra que haveria mais liberdade do que o que se supõe.

Outra questão é o papel do cristianismo na centralização régia. É outro ponto de discórdia entre os historiadores. Polymnia Athanassiadi (apud Greatrex, 2014) defende uma crescente intolerância religiosa na Antiguidade Tardia; Peter Bell (apud Greatrex, 2014) defende que o cristianismo foi ganhando um crescente protagonismo na política e quis de vez apagar os vestígios pagãos. Contudo A. Cameron e Del Santo (apud Greatrex, 2014) defendem que houve debates sobre a questão no século VI, assim como um pluralismo religioso (Greatrex, 2014: 87).

Greatrex (2014) defende que se assumirmos que a intolerância religiosa estava em crescendo quando Justiniano reinava, ele teria de certo modo as mãos atadas e pouco

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

poderia fazer em matéria dogmática. Procurar a união religiosa seria crucial, quer por motivos dogmáticos, quer por motivos pragmáticos. A reconquista do Norte de África prejudicou esse mesmo esforço doutrinal. Além de que esse esforço de união doutrinal não se fez sem alienar o apoio de parte do clero do norte de África, como foi visível com Victor de Tununa e Isidoro de Sevilha, que censurou a sua política repressiva do clero norte-africano (Bladeau, 2013).

O autor criticava ou apoiava as guerras de Justiniano? Kaldellis (apud Greatrex, 2014) defende que era anti-imperialista, Brodka (apud Greatrex, 2014) defende o contrário. Para uns admirava os bárbaros, para outros criticava-os (Greatrex, 2014). Deduzimos que PC mostrou o que verdadeiramente pensava na HS? Aí revela-se um cristão tolerante, defensor da coexistência religiosa; um aristocrata conservador, crítico da inovação legislativa, administrativa e moral de Justiniano; opositor das guerras de conquista, apenas defendendo as guerras como defesa contra as incursões bárbaras em Bizâncio. O que escreveu no DB e no DA apenas foi uma versão oficial, a que fora coagido? Ou houve uma evolução no seu pensamento? Greatrex (2014) defende que não se pode cair no erro de partir do pressuposto que todas as pessoas possuem coerência intelectual. Isso é algo raro, quer na Antiguidade quer no mundo atual. Procurar um só PC, coerente, uno e monolítico, que desde o início se opôs a Justiniano, é uma ideia a ter com reservas (Greatrex, 2014). Börm (2015b) defende que se tende a querer simplificar uma questão que pode ser mais complexa. No Oriente, a monarquia era tida como algo lógico. Não se questionava a sua existência. Mas debatia-se qual o modelo ideal e se um mau rei podia ser derrubado. Daqui até à defesa do derrube poderia ser apenas um passo. Börm (2015b) afirma que a literatura, a historiografia, a épica e heroica, faziam a apologia de um rei justo, piedoso, moral. E ameaçavam, de forma mais ou menos aberta, a possibilidade do rei ser derrubado em caso de ser injusto ou ímpio. Dá como exemplo a literatura assíria do reinado de Assurbanipal, onde os deuses ameaçam sistematicamente o derrube do rei se fosse injusto ou infiel. Cameron (1985:65) afirma que PC nunca criticou os pressupostos institucionais e ideológicos do poder bizantino. Ele não critica em si o princípio da monarquia, apenas os abusos e a má gestão. Tão pouco PC defenderia um rei-filósofo. Cameron (1985:65) afirma que ele é hostil aos bárbaros e que defende a expansão imperial. Salienta que no século VI, quando PC vive, há uma abundante

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

literatura de oposição, mas que não critica o pressuposto da existência da monarquia em si (Cameron, 1985:65-66). Börm (2015b) defende que há como que uma tensão, uma dualidade constante na realidade política do Oriente. Ainda que a monarquia não seja aparentemente questionada como modelo em si, o debate sobre a sua natureza e forma abre portas para uma dissidência. Quando a elite se sente atacada, tende a refugiar-se na literatura para veicular os seus valores, criando uma situação algo paradoxal, em que a cultura defende valores dissonantes da realidade oficial (Börm, 2015b).

Contudo, o Oriente grego teve uma visão algo distinta. Os gregos nunca tiveram uma tradição monárquica estruturada. A oscilação entre cidades-estados, colónias, democracias, oligarquias e diarquias foi uma constante no mundo grego. O conceito de *basileu* é questionado por alguns, advogando que é apenas um grande entre os grandes (Börm, 2015b: 11). A forte tradição senatorial romana, aliada a esta diversidade política grega, acentuavam este debate no Oriente. Börm (2015b) defende que ainda que o Oriente e Ocidente tenham ambos derrubado reis, apenas os gregos e romanos questionaram a existência da monarquia em si. Os gregos tiveram diversos regimes, o que tornava claro que a monarquia não era o único horizonte possível. O mesmo se dá em Roma, que conhece o auge ainda no tempo da República e não na monarquia do século IV a.C. Após as Guerras Pérsicas, a liberdade torna-se um valor fundamental para os gregos. O ódio à tirania marca o pensamento grego. A monarquia nunca fora vista como algo inteiramente normal para os gregos. Aceitava-se como um mal menor, cujas vantagens numa dada situação tinham de ser pesadas para justificarem a perda temporária da liberdade (Börm, 2015b). A literatura grega é marcada por esta permanente tensão. Contudo, os povos do Oriente estavam habituados a monarquias desde sempre (Egipto, Síria, Lídia). Quando Justiniano lança uma política de centralização régia, PC usa a cultura como arma de crítica a Justiniano. Para Börm (2015b) isto é o aspeto crucial da HS. Já no final da Antiguidade, a monarquia em Roma era um facto, ainda que persistisse o ideal da República. As posições a favor ou contra a monarquia não eram estanques, podendo haver visões híbridas. PC nunca afirma ser contra um imperador *per si*, mas contra os seus abusos. Depreende-se, de certo modo, que defende um imperador com poder moderado por um Senado forte. A sua alusão a que Justiniano tinha como um dos principais defeitos o não

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

saber escutar conselhos, remete-nos para uma subtil sugestão de um imperador rodeado de fortes senadores, que deveria escutar e com os quais deveria governar.

Börm (2015b) destaca um aspeto algo paradoxal. O império tinha uma relação complexa com a literatura. Se permitisse uma crítica demasiadamente forte, o imperador correria o risco de perder o poder. Mas se usasse da repressão, seria visto como um tirano, o que era mal visto na cultura romana. Assim, permitia-se uma certa crítica, desde que não excedesse certos limites. A historiografia tornou-se assim um campo de batalha dos críticos. Dados os riscos de escrever contra um imperador vivo, e as dificuldades em obter informações fiáveis do poder, os historiadores optaram por preencher as lacunas do conhecimento com rumores e especulação (Börm, 2015b: 17). PC foi dos poucos historiadores que ousou escrever sobre um governante ainda vivo. Apesar do avanço irremediável da monarquia em Roma, a partir do século I, a cultura permanecerá nas mãos da aristocracia. Assim, este grupo preservou na literatura os seus valores, denotando-se o saudosismo pelo poder do Senado e pelas velhas liberdades romanas. Isto explica a permanência de uma literatura crítica da monarquia ou dos seus abusos, quando a monarquia era já irreversível no século VI. Os alvos preferenciais eram imperadores já mortos, evitando assim represálias. Mas, nas críticas aos imperadores falecidos, podia-se denotar, por vezes, subtilmente, uma crítica à monarquia. Também exprimia por vezes o pensamento da elite preterida por certo imperador. O grupo desfavorecido usaria a literatura para veicular a sua insatisfação. Börm (2015b) defende que a literatura crítica era até tolerada pelo poder, como um mecanismo de preservação, através de permitir o extravasar de frustrações, desde que não passasse certos limites. O cristianismo, para Börm (2015b), foi um novo fator que fortaleceu a monarquia, através do seu monoteísmo exclusivista. Tertuliano, famoso escritor cristão, apoia o imperador. Mas no *Apologeticum* acaba a dizer que o imperador não pode ser um cristão, parecendo haver aqui uma contradição. Há também uma literatura cristã crítica do imperador. O desaparecimento do discurso crítico da monarquia deveu-se ao colapso da velha elite secular greco-romana. A nova elite adotou um novo discurso (Börm, 2015b).

Os estereótipos que PC criou sobre as personagens são uma das grandes causas para a divisão que gera nos historiadores. Autores como Clive Foss (apud Greatrex, 2014) estudaram Teodora a partir de outras fontes que não PC e acabaram a corroborar o que

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

este diz. Também Signes Codoñer (apud Greatrex, 2014) afirma que as fontes provam o que PC disse de Justiniano, ainda que tenha exagerado as críticas (Greatrex, 2014). Contudo, Brubaker (2004) afirma que a obra não tem veracidade histórica. É uma ficção, uma paródia, assente em estereótipos, por vezes misóginos e reacionários sobre as personagens principais, nomeadamente as mulheres. Serve para divertir, mas sobretudo para entender a forma como o género era construído na literatura histórica. Defende que PC usa duas técnicas literárias: a invetiva, fazendo uma espécie de panegírico invertido; um assassinato de carácter através da inversão de papéis de género. Para Brubaker (2004), as calúnias sexuais e o género têm um papel fundamental na estruturação da obra. As calúnias sexuais são uma técnica literária tipicamente romana e ocidental. PC pega no modelo de panegírico em Menandro (ca. 342 a.C. - 291 a.C.) e inverte-o, apresentado Justiniano como o exemplo do que um imperador não deve ser. Em Menandro as qualidades devem ser coragem, temperança, justiça e sabedoria. A isto juntam-se as virtudes romanas e cristãs de autocontrolo; a procura de bem comum; a castidade pré-marital; a piedade, a filantropia. A mulher deve ser gentil, modesta e devota ao lar e a rainha deve ainda ser pia, filantrópica e casta. O casal imperial da HS inverte isto. As técnicas são usadas por PC com mestria, para manipular para o fim que quer, segundo Brubaker (2004). PC teve sucesso, pois, segundo Brubaker (2004), a historiografia foi influenciada pela HS. No que toca aos pormenores do sobrenatural e das descrições sexualmente explícitas, a maioria dos historiadores concorda que devem ser lidas como algo simbólico. Korte (2005) defende que são exageradas e sobretudo procuram veicular uma imagem. Börm (2015a) considera que nem tudo poderia ser falso na HS, porque o próprio público, que conheceria a realidade, não acreditaria. Mas crê que PC exagerou e distorceu, por vezes, a realidade. Um exemplo: quando descreve a forma como Justiniano humilha o senado, obrigando os senadores a chamar-lhe *dominus* no ritual de corte, PC sugere que Justiniano inventou isto, mas na verdade, segundo Börm (2015a), tal já existia antes de Justiniano.

Nenhum historiador pode em última instância provar quais foram os comportamentos sexuais de Teodora e Antonina ou se PC distorceu, inventou ou disse a verdade. Korte (2005) discorda daqueles que apenas querem ver a HS como uma ficção e destaca que há que olhar para o seu valor histórico. Os contemporâneos de PC não

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

teriam encarado as calúnias sexuais como adornos literários. Para Korte (2005), a parte mais importante a reter é a forma como mostra a construção da crítica historiográfica ao poder, os padrões literários em voga e o que eles representam da mentalidade vigente. A HS inseria-se num padrão literário, onde se demonizavam os adversários com calúnias estereotipadas. IL descreve João da Capadócia no mesmo tom que PC descreve Teodora na HS, mas não refere as acusações de desvios sexuais a Teodora, que PC faz. IM por seu turno descreve Teodora como uma mulher pia e devota, mas, quando descreve os inimigos de Justiniano, usa as mesmas acusações de cariz sexual que PC faz na HS (Korte, 2005). Há, pois, um padrão de descrições historiográficas nesta era. A HS não é assim tão invulgar quanto isso. A calúnia sexual é muito antiga na historiografia romana. Sempre foi usada como arma contra os imperadores. O que diferencia PC é sobretudo dirigir as calúnias sexuais contra a imperatriz, quando, por norma, são os homens poderosos os visados. Ao criticar as mulheres poderosas da HS com calúnias, por norma reservadas aos homens do poder, PC critica-as como criticaria um qualquer imperador. Isso é que é novo (Korte, 2005).

O cristianismo também continha descrições sexuais para promover uma qualquer ideia. Mas aqui havia uma novidade. O conteúdo sexual emerge por vezes ligado à redenção. A figura da prostituta arrependida, como Maria Madalena e Pelágia, é exaltada na hagiografia cristã. Por esta figura se queria mostrar como todos os pecadores poderiam salvar-se. Para Korte (2005), o cristianismo não deu origem à misoginia, mas vinha já da era pagã, onde se criticava uma mulher que ocupasse uma posição de poder. As críticas de PC são essencialmente clichés da historiografia clássica: a baixa condição da imperatriz; a devassa sexual; o domínio das mulheres sobre os seus maridos; a impiedade; a tirania; o flagrante nos adúlteros; as diferenças de idade nos casais; a beleza das mulheres que subjuga os maridos (Korte, 2005). Kaldellis critica a visão dos bizantinistas que advogam que PC é um produto da sua era (Pazdernik, 2004:36). PC é, na sua opinião, um grande artista literário e um intelectual à altura de Thucydides. Defende as acusações de PC a Justiniano que assentam, segundo Kaldellis, numa mundividência, onde há certos paralelismos com o futuro iluminismo, nomeadamente, na aversão à tirania, na defesa de uma humanidade inclusiva que englobasse os bárbaros, no pluralismo religioso e secularismo, no ceticismo e agnosticismo sobre as especulações teológicas (Pazdernik,

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

2004: 36). PC é para Kaldellis um corajoso crítico do imperador e um dissidente platónico. Descarta o DA como um panegírico insincero do autor (Cameron, 2004). Cameron (2004) critica esta posição porque Kaldellis excluiu da avaliação o DA, quando não se pode entender PC sem se entender toda a sua obra. Também refuta a ligação neo-pagã de PC, porque este, por exemplo, ignora a repressão que Justiniano faz aos platónicos, em 529.

A HS é, para alguns, uma *kaiserkritik*. Signes Codoñer (apud Börm, 2015a) defende que, até no DB, PC exibia já cinco técnicas de *kaiserkritik*: identificação de modelos políticos superiores aos de Justiniano; a crítica pelo silêncio; a crítica pelo sonho; a crítica por comentários explícitos; a crítica por intermédia pessoa (Börm, 2015a). Colocar diálogos na boca de terceiros, para implicitamente defender certas ideias, é, desde sempre, uma subtil técnica de crítica na historiografia. Os diálogos dos persas no DB, ao falar sobre o ideal de rei e as críticas ao despotismo sassânida, nomeadamente na repressão dos aristocratas, são vistos pela maioria dos historiadores como críticas ocultas de PC a Justiniano, ainda antes da HS. No DB, PC defende que um rei deve ser: um grande militar; ter legitimidade dinástica; ser defensor das tradições políticas e morais; justo; decidido; defensor das liberdades; eleito pela aristocracia; primogénito. PC pode colocar ideias na boca de terceiros ou fazer como Thucydides (c. 460 – c. 400 BC), que reconstrói diálogos com o que pressupõe que as personagens disseram. Börm (2015a) diz que as críticas de PC são as críticas clássicas da *kaiserkritik* do Oriente grego. Desde Heródoto que se critica os reis que ataquem os nobres e façam grandes inovações políticas. Assim, para Börm (2015a), a *kaiserkritik* de PC terá seguido provavelmente certos padrões literários típicos do estilo, algo a ter em conta quando se tenta averiguar da veracidade das acusações. O próprio ato em si de escrever uma *kaiserkritik* valorizava a imagem do historiador, dando-lhe o rótulo de corajoso. A bajulação e espírito acrítico eram censurados na cultura historiográfica. A coragem era um valor prezado e prestigiante para qualquer historiador. A invocação da verdade era uma constante preocupação na imagem da historiografia e os historiadores dedicavam parte do introito de qualquer obra a fazer declarações sobre a importância da história e da procura da verdade. Era uma tomada de posição.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Assim, a cultura historiográfica não permitiria uma obra acrítica, mas tão pouco se poderia passar dos limites. Börm (2015a) questiona por que se assume automaticamente que uma crítica representa o verdadeiro pensamento de um autor e não se assume o mesmo num panegírico? Afirma que a maioria dos historiadores sucumbiu à noção que PC revelou o que verdadeiramente pensava na HS, quando, para Börm (2015a), nunca se poderá saber o que de facto PC pensava. Tão pouco se consegue inteiramente responder a uma pergunta importante: por que é que a obra foi escrita? PC deixa pistas na HS que permitem facilmente identificá-lo como o autor. Por que escreveu esta obra quando não tinha que o fazer? PC afirma que temia ser morto se fosse descoberto. Mas bastava escrever uma obra anónima para o evitar. Contudo, expôs claramente quem era. Para Börm (2015a), a obra é parte ficção, parte realidade. PC esperava o derrube imediato de Justiniano em 550. PC não fora uma vítima de Justiniano, antes um beneficiário deste, pois fizera carreira servindo Belisário. Para Börm (2015a), sentindo uma eminente conspiração, PC quis distanciar-se do imperador e, em segredo, escreveu uma obra que apenas alguns dos seus íntimos conheceriam. Isso explica por que razão o manuscrito sobreviveu. Dada a curta distância temporal entre o DB e a HS, para Börm (2015a) é pouco provável uma brusca mudança de opinião de PC. O móbil foi o instinto de sobrevivência do autor. Defende que, no que toca à avaliação literária, há que separar dois aspetos: o conteúdo da obra e a função desta, sendo o mais importante a função. Mais do que saber se o conteúdo da HS é ou não verdade, é preciso primeiro perguntar para que servia a obra (Börm, 2015a).

Se comparado com IM, a HS mostra como se podem apresentar os mesmos factos com leituras diferentes. Scott (1985) defende que IM pode não ter querido fazer em si um panegírico a Justiniano, mas ter-se-á limitado a transcrever anais e datas de fontes oficiais, que fariam propaganda ao monarca. Por seu turno, a oposição usava as mesmas fontes para inverter os factos. Por exemplo, PC vê as construções de Justiniano como gastos inúteis de dinheiro; IM elogia-as. Scott (1985) defende que o reinado de Justiniano ficou marcado pela luta entre duas fações: uma velha aristocracia, ligada ao classicismo, e uma nova elite, que apoiou as medidas do imperador. PC fazia parte do primeiro grupo.

Kaldellis (2017b) defende que perante o medo, os autores da Antiguidade tentavam escrever de forma velada. Compete aos historiadores “ler” os silêncios nas suas

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

obras. Defende que os que nada queriam ganhar do poder conseguiam ser mais críticos. Os que escreviam para o poder eram menos livres. Os primeiros seriam os mais velhos, que já pouco temiam. Os mais novos compunham o segundo grupo. O grau de repressão variava. Havia, contudo, um grupo minoritário que ousava criticar o imperador. Aqui, Kaldellis (2017b) afirma que se tratava de uma prática ou estilo literário algo desvalorizado, a *parrhesia*, em que um escritor de prestígio e grande virtude moral arriscava a vida para expor os males de um dado rei, com o fim de exortar à mudança. Podia-se fazer de forma negativa (criticando os maus exemplos) ou de forma positiva, através da apologia de um rei ou de um modelo exemplar. Kaldellis (2017b) defende que a *parrhesia* e o panegírico eram duas técnicas complementares, de certo modo duas faces da mesma moeda, com o mesmo objetivo final. A *parrhesia* era prática comum na Antiguidade clássica, continuando na Antiguidade Tardia. Fazia parte da cultura intelectual da Antiguidade e era um arquétipo moral a que um escritor queria aspirar. As obras mais críticas tenderam a pensar no sucesso após a morte do autor, não em vida do mesmo (Kaldellis, 2017b).

Conclusão

A HS é verdade? Mentira? Um conjunto de meias-verdades? É sem dúvida uma obra de enorme complexidade e que continua a fascinar. Por que razão é que um dos historiadores mais bem-sucedidos de Bizâncio decide escrever uma obra em contradição com o que escrevera numa obra anterior? Decerto não ignorava que o público questionasse a sua credibilidade e motivação. Um autor que está no auge da fama, em 550, sentindo um eminente golpe contra o imperador, pode perfeitamente ter percebido a necessidade de escrever uma obra em que se distanciava do poder. Contudo, isso não significa que o próprio autor não pudesse, por si mesmo, criticar o imperador e a sua política em segredo. O medo de represálias decerto condicionaria alguns. Outro aspeto condicionador é o uso da história para a defesa de uma qualquer agenda política. São dois dos maiores tipos de pressão que um historiador sofre.

Há na obra uma tal violência de palavras e descrições, que parecem de certo modo sugerir um ódio genuíno de PC ao imperador. Dever-se-ia a uma desilusão com este? A um certo remorso de PC por ter contribuído para um governo que se revelara desastroso?

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfica - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Daí a grande violência de palavras, como que querendo em cada descrição, em cada linha, frisar a clara demarcação entre si e o imperador? Ciente que escrevera o DB pouco antes, e que este se tornara um grande sucesso, PC saberia que seria associado eternamente a um governo desastroso. Com a HS quis garantir que a posteridade não o associasse mais a Justiniano? Provavelmente, porque quem começa por ser um grande apoiante de um regime, quando se desilude, reage desproporcionalmente, querendo, por todos os meios, demarcar-se do mesmo.

A isto junte-se o receio de PC ser atacado, em caso de Justiniano ser derrubado. O ódio ao imperador, quer fosse um ódio existente desde sempre, ou uma desilusão de um ex-apoiante, somado ao receio de ser preso ou executado aquando do hipotético golpe de 550, podem explicar a grande violência verbal da HS. Isso não significa que tudo o que escreveu fosse verdade, nem que tudo fosse mentira. O tom confessional e emotivo da obra torna provável que PC detestasse Justiniano. Certos pormenores da obra mostram que PC tinha uma visão própria da situação em Bizâncio. A defesa da liberdade religiosa, a compaixão pelos heréticos, judeus e pagãos perseguidos, a exposição dos processos por delitos fiscais e homossexuais como um embuste, mostram que PC tem uma visão própria das coisas, em vez de debitar clichés sobre a tirania e repressão. Para agradar à elite aristocrática, que pretenderia derrubar Justiniano, bastar-lhe-ia escrever um libelo com meia dúzia de clichés sobre a tirania e a repressão, decalcados de qualquer história. Isto bastaria para o salvar em caso de golpe. Não precisava de mostrar compaixão pelos heréticos. Ou de expor os esquemas de corrupção em tão grande detalhe como faz. A descrição detalhada de todos os aspetos do reinado e a linguagem feroz que adota mostram uma vontade de expor a verdade, de destruir a imagem de Justiniano e Teodora.

As imprecisões que a obra tem, as contradições, o estilo intimista e confessional, tornam pouco provável que fosse uma história fabricada ao mais alto nível pela oposição. O facto interessante de não ter sido publicada após a morte de Justiniano, e ter permanecido oculta por séculos, adensa mais a ideia que se tratou de uma obra íntima, que PC que terá revelado a apenas alguns próximos, não um panfleto detido pela oposição a Justiniano. Os verdadeiros motivos de PC são algo que nunca se poderá inteiramente saber.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Contudo, as acusações são uma mistura de factos com mitos e padrões literários. Os pormenores sexuais explícitos procuravam, provavelmente, ganhar um grande público. Se assumirmos que PC escrevera a HS para relatar para a posteridade o que fora o reinado de Justiniano, é provável que tivesse a noção que seria lida por um público massivo e heterogéneo. Se a parte final da obra, com as descrições da situação económica e fiscal, poderiam interessar mais aos historiadores, as partes iniciais, com as descrições da vida de Belisário, Antonina, Justiniano e Teodora, os pormenores explícitos, os temas como fugas espetaculares, exílios, traição, corrupção moral, sem dúvida, cativariam as massas. O sucesso que a obra teve, a sua influência cultural, visível nos vários romances históricos que originou, mostra que a intuição de PC estaria certa. Durante toda a obra, nunca fala para os homens da sua época. Esses saberiam qual fora a situação, qualquer que esta tenha sido. O seu introito dirige-se sempre à posteridade, às pessoas que séculos depois leriam a obra e ficariam com a sua versão dos factos. A ausência de apelos aos homens da sua era para que derrubassem Justiniano, mostra que o público-alvo de PC é a posteridade. E isto sugere ainda mais a ideia de que a obra foi o produto de um homem que ou ficara desiludido com o rumo de Justiniano, ou que sempre o detestara e que saberia que a vitória final seria a sua, através da HS.

Bibliografia:

Fontes:

PROCOPIUS (1966), *The Secret History*. Ed. por RADICE, Betty; BALDICK; Robert. Trad. de G. A. Williamson, Middlesex, Penguin Books.

PROCOPIUS (1971), *History of the Wars, Massachusetts*, Harvard University Press. Traduzido por H.B. Dewing.

PROCOPIUS (2014), “De Aedificiis”, *Cuadernos monográficos de Historia del Próximo Oriente Antiguo*, vol.7, pp.9-136 [consulta em 10/2017]. Introdução, notas e tradução de Miguel Periago Lorente. Disponível em http://www.um.es/cepoat/estudiosorientales/?page_id=291.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

Estudos:

ADSHEAD, K. (1993), “The Secret History of Procopius and its genesis”, *Byzantion*, vol.63, pp. 5-28 [Consulta em 10/2017]. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44172096>.

ARISTOPHANES (1853), *Clouds. The Comedies of Aristophanes*. Ed. William James Hickie, London, Bohn, In PERSEUS (s.d.) [Consulta em 10/2/2019]. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=urn:cts:greekLit:tlg0019.tlg003.perseus-eng1:1-24>.

BLAUDEAU, Philip. (2013), “Différentes évaluations d’une crise: considérations de l’empereur Justinien et du pape Vigile sur la situation ecclésiastique à la veille de la controverse des Trois Chapitres (540)”, *Adamantius*, vol.19, pp.313-324.

BOY, Renato Viana (2011), “La Historia de las guerras: un estudio sobre las descripciones de los bárbaros en Procopio de Cesarea- siglo VI”, *Bizantion Nea Hellás*, vol. 30, pp. 159-174.

BORDET, Marcel (1995), *Síntese de história romana*, Porto, Asa.

BÖRM, Henning (2015a), “Procopius, his predecessors, and the genesis of the Anedocta” in Henning Börm (dir.), *Antimonarchic Discourse in Late Antique Historiography*, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, pp. 306-346.

BÖRM, Henning (2015b), “Antimonarchic discourse in Antiquity: a very short introduction” in Henning Börm, *Antimonarchic discourse in Antiquity*, Stuttgart, Franz Steiner Verlag.

BRUBAKER, Leslie (2004), “Sex, lies and textuality: the secret History of Prokopios and the rhetoric of gender in sixth-century Byzantium” in Leslie Brubaker; Julia M.H. Smith, *Gender in the early medieval world: East and West, 300-900*, Cambridge, Cambridge University Press.

CAMERON, Averil (1985), *Procopius and the Sixth Century*, Los Angeles, University of California Press.

CAMERON, Averil (2004), *review de Procopius of Caesarea: Tyranny, History and Philosophy at the end of Antiquity*, de Anthony Kaldellis, *American Historical Review*, pp.1621

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

CAMERON, Averil (2014), "Writing about Procopius then and now." in LILLINGTON-MARTIN, Christopher (ed.); TURQUOIS, Elodie (ed.), *Procopius of Caesarea: Literary and Historical Interpretations*, Abingdon, Routledge, Chapter 1, pp.13-26.

CORPUS CHRISTI COLLEGE (2014), "Reinventing Procopius: New Readings on Late Antique Historiography", Oxford, Corpus Christi College, [Consulta em 10/2/2019]. Disponível em: <http://procopius2014.blogspot.pt/p/speakers.html>

CURTIUS, Ernst Robert (1990), *European literature and the latin middle ages*, Princeton, Princeton University Press, pp.162.

DURÁN, Marcelo Aguirre (2010), "Prouidentia et Peccatum: La teología de la historia en autores galo-hispanos de la Antigüedad tardía y la alta Edad Media. De Sulpicio Severo a San Isidoro de Sevilla", *Anuario Historia de la Iglesia*, vol. 19, pp.506-511 [Consulta em 9/2017]. Disponível em: <http://dadun.unav.edu/handle/10171/15917>.

EVANS, James A.S. (1970), "Justinian and the Historian Procopius" *Greece & Rome*, vol. 17, pp.218-223 [Consulta em 10/2017]. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/642766>.

FOLGER SHAKESPEARE LIBRARY (2015), *The Secret History (of a publication)*, [Consulta em 12/2017]. Disponível em: <https://collation.folger.edu/2015/12/the-secret-history-of-a-publication/>.

GREATREX, Geoffrey (2014), "Perceptions of Procopius in recent scholarship", *Histos*, vol.8, pp.76-121.

JOHNSON, Gary (1993), *The Chronicles of Spain: A discussion of some trends in Spanish History found in the chronicles of Hydatius of Lemica, John of Biclaro, Isidore of Seville, and the Chronicle of Zaragoza*, Queensland, University of Queensland.

KALDELLIS, Anthony (2004-2006), "Classicism, Barbarism, and Warfare: Prokopios and the Conservative Reaction to Later Roman Military Policy", *American Journal of Ancient History*, vol.3-4, pp.189-218 [consulta em 10/2017]. Disponível em: <http://kaldellispublications.weebly.com/>.

KALDELLIS, Anthony (2004), "Identifying dissent circles in sixth century Byzantium: The friendship of Prokopios and Ioannes Lydos", *Florilegium*, vol.21, pp.1-17 [consulta em 10/2017]. Disponível em: <http://kaldellispublications.weebly.com/>

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

KALDELLIS, Anthony (2009), "The Date and Structure of Prokopios' Secret History and His Projected Work on Church History", *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, vol. 39, pp.585-616 [Consulta em 10/2017]. Disponível em: <https://osu.academia.edu/AnthonyKaldellis>.

KALDELLIS, Anthony (2012), "Byzantine philosophy inside and out: Orthodoxy and dissidence in counterpoint" in K. Ieorodakou; D. Bydén, *The Many Faces of Byzantine Philosophy*, vol.1, pp. 129-151, Athens, The Norwegian Institute at Athens.

KALDELLIS, Anthony (2015), "The Byzantine conquest of Crete (961 AD), Prokopios' Vandal War, and the Continuator of the Chronicle of Symeon", *Byzantine and Modern Greek Studies*, vol. 39, nº2, pp. 302-311 [consulta em 10/2017]. Disponível em: <https://osu.academia.edu/AnthonyKaldellis>.

ACADEMIA EDU (s.d.), *Anthony Kaldellis*. [Consulta em 10/11/2017]. Disponível em: <http://osu.academia.edu/AnthonyKaldellis>

KALDELLIS PUBLICATIONS, Anthony (s.d.), *Anthony Kaldellis Publications*. [Consulta em 11/11/2017]. Disponível em: <http://kaldellispublications.weebly.com>

KALDELLIS, Anthony (2017a), "The Social Scope of Roman Identity in Byzantium: An Evidence-Based Approach." *Byzantina Symmeikta*, pp. 173-210.

KALDELLIS, Anthony (2017b), "Did the Byzantine Empire had "Ecumenical" or "Universal" Aspirations?" in ANDO, Clifford; RICHARDSON, Seth, *Ancient States and Infrastructural powers*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, Chapter 9, pp. 272-301.

KALDELLIS, Anthony (2017c), "How Perilous Was It to Write Political History in Late Antiquity?", *Studies in late antiquity*, vol. 1, nº 1, pp.38-64 [Consulta em 10/2017]. Disponível em: <http://sla.ucpress.edu/content/1/1/38>.

KORTE, Nadine Elizabeth (2005), "Procopius' Portrayal of Theodora in the Secret History: 'Her Charity was Universal'", *Hirundo: The McGill Journal of Classical Studies*, vol. III, pp.109-130.

MENDELSON, Daniel (2011), "God's Librarians", *The New Yorker*, [consulta em 12/2017]. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2011/01/03/gods-librarians>.

Rute Russo - A História Secreta de Procópio de Cesareia: O debate e a renovação historiográfico - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 87-126. DOI: 10.21747/0871164X/hist9_1a4

PAZDERNIK, Charles F. (2004.), Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity, *History: Reviews of New Books*, vol. 33:1, p. 36

SCOTT, Roger D. (1985), “Malalas, The Secret History, and Justinian's Propaganda”, *Dumbarton Oak Papers*, vol. 39, pp.99-109 [consulta em 9/2017]. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1291517>.

THUCYDIDES (1993), “The History of the Peloponesian War” in Thucydides; Herodotus, *The History of Herodotus – the History of the Peloponesian War*, Chicago, Encyclopaedia Britannica.

WILLIAMSON, G.A. (1966), “Introduction”, in PROCOPIOUS, *The Secret History*, Middlesex, Penguin Books, pp. 19-25.